

Prefácio

O que é fazer poesia? E o que é fazer ciência? Em que divergem e convergem estas duas actividades humanas? Que se trata de duas actividades diferentes do ser humano, será óbvio para toda a gente. Mas que possam ter algo de comum, embora menos evidente, é revelado pelo facto de haver poetas que se inspiram nos objectos e metodologias da ciência para escreverem os seus poemas, e pelo facto de haver cientistas que não desprezam a inspiração que lhes pode surgir de conteúdos e vias poéticas na prossecução dos seus trabalhos de pesquisa. E, ainda, pelo facto de haver pessoas que são simultaneamente poetas e cientistas, não encontrando contradição insanável na dupla actividade que que professam.

Eu conhecia – e admirava o cientista F. Xavier Malcata, distinto professor catedrático na Escola Superior de Biotecnologia, doutorado em Engenharia Química pela Universidade de Wisconsin nos Estados Unidos, e autor de uma vasta e reconhecida obra de investigação. Mas já não conhecia – e só agora passei a admirar, o poeta com o mesmo nome, que, neste livro, logo na Parte I (estando a lógica da divisão em partes exposta pelo autor), sob a égide do título “*Cantos de Emoção*”, explicita em dois simples versos de um soneto o que é “*Fazer poesia*”:

*“É fugir em transe, olhando sem ver –
É escrever o Mundo em grito e ilusão!”*

Fica subentendido que fazer ciência será, parafraseando-o, “*Fugir em transe, olhando a ver – / E escrever o Mundo com calma e razão!*” Xavier Malcata não é o primeiro cientista que também faz poesia – lembro-me do norte-americano Roald Hoffmann (Prémio Nobel da Química de 1981); mas em Portugal, será um dos muito poucos que o

fazem – lembro-me do físico Orfeu Bertolami.

Sobre esta magna questão das relações entre poesia e ciência, sobre as dissemelhanças e semelhanças entre elas, já se pronunciaram numerosos poetas e cientistas, assim como outros tantos críticos de uma e de outra actividade. O poeta Guerra Junqueiro (1850-1923) – que o autor refere no poema “*Inclito Porto*”, na Parte III (“*Ênfases de Ilusão*”), escreveu, no prefácio à “*Morte de D. João*” (Livraria Moré, 1874):

“A poesia é a verdade transformada em sentimento. A lei descoberta por Newton tanto pode ser explicada num livro de física, como cantada num livro de versos. O sábio analisa-a, demonstra-a; e o poeta, partindo dessa demonstração, tira dos factos todas as consequências morais, sociais e religiosas, traduzindo-as numa forma sentimental. A ciência, neste caso, dá o convencimento, a certeza; a poesia dá a emoção, o entusiasmo”.

Se a poesia aparece aqui como uma linguagem que expressa o real, com um registo próprio – e, portanto, de certo modo como uma consequência da ciência, ela pode, por outro lado, também ser vista como a origem da ciência. Antero de Quental (1842-1891), contemporâneo de Junqueiro na “*Geração de 70*”, escreveu numa carta a um seu amigo:

“O chão sobre que assenta a certeza de hoje formou-se pelos aluviões sucessivos da intuição antiga. O que é ciência foi já poesia: o sábio foi já cantor, o legislador poeta: e a evidência uma adivinhação, um admirável palpito, cujas profundas conclusões são ainda o espanto e porventura o desespero das mais rigorosas filosofias. E, se nadamos hoje em plena luz da razão, foi entretanto a poesia, foi essa doce mão que nos guiou por entre o pálido crepúsculo dos velhos sonhos. Velhos? Nós somos eternos.”

Fernando Pessoa (1888-1935) – além de, sob o nome de Álvaro de Campos, ter equiparado a Vénus de Milo ao binómio de Newton, escreveu sob o seu próprio nome, mas colocando as palavras na voz do

poeta Johann Wolfgang von Goethe, no poema dramático “*Primeiro Fausto*”, os seguintes versos:

*“Do fundo da inconsciência
Da alma sobriamente louca
Tirei poesia e ciência,
E não pouca”.*

Haveria mais. Mas devem chegar estes exemplos, que encontrei no interessante livrinho “*Ciência e Poesia*” (Portugália, 1955) do matemático António Lobo Vilela, para ilustrar as dissemelhanças e semelhanças entre fazer poesia e fazer ciência. Há uma certa cumplicidade, quando poesia e ciência se interpenetram – por vezes não se sabe mesmo qual delas está primeiro e qual está depois. Estão, em muitas situações, as duas ao mesmo tempo. A própria associação da imaginação à poesia – que é feita (e bem), na linha aliás do que é *vox populi*, por Xavier Malcata, não deve fazer olvidar que a imaginação é uma componente essencial do processo de descoberta científica. Como disse o físico Albert Einstein: “*A imaginação é mais importante do que o conhecimento. O conhecimento é limitado. A imaginação envolve o mundo.*” Imaginação e razão não se podem dissociar facilmente; se é que podem, de todo.

Para chegar a esta mesma conclusão, bastará atentar em alguns dos poemas de Xavier Malcata que partem de uma visão científica do mundo – decerto construída com a aliança da imaginação e da razão, para soltar a visão poética, isto é, deixar voar livremente a imaginação, a propósito de um evento, de um tempo ou de um espaço. Há outros poemas, onde a ciência está ou parece arredada e a poesia omnipresente, mas escolho alguns poemas onde a ciência e a poesia dividem fraternalmente o palco. Vejamos como o autor invoca a teoria da relatividade de Einstein no seu poema “*Paradoxo de Natal*” (da Parte III):

*“Tempo e até espaço, em singularidade
Fundem-se – instantâneo e omnipresente são,
Desafiando as leis sábias da realidade*

*Numa história longa de imaginação.
Relatividade em campo, justifica
Como um volumoso e risonho astronauta
Todo o mundo corre, em diminuto instante.”*

A física moderna, desta vez a teoria quântica em vez da teoria da relatividade, reaparece noutros passos, como no poema “*Sublime elementar*” (da mesma Parte III):

*“Em filosófica, atroz dureza,
Heisenberg não permite que, incólume,
Fique então o núcleo: só na incerteza
Se confia. E o aumento do volume –
Bolhas que são geradas tão breves,
Revela o que é mais elementar:
Tal energia, debaixo das neves,
Fugidio elo vai acrescentar.”*

Num domínio mais próximo daquele em que exerce a actividade o cientista Xavier Malcata, surgem umas notáveis “*Sextinas a um carbono quiral*” (da Parte IV, “*Gritos de Realismo*”) – que nos fazem lembrar alguns dos poemas do escritor e professor Vitorino Nemésio (1901-1978), contidos no livro “*Limite de Idade*” (Estúdios Cor, 1972), que dedicou ao biólogo Aurélio Quintanilha:

*“Os electrões carregados –
Fuindo num mar de incerteza
E obrigatórios no acaso,
Em orbitais bem casados
(Híbridas são, de certeza)
Dão ligações, mas a prazo.”*

Em “*Arqueologia molecular*” (da mesma Parte IV), o autor glosa a moderna e polémica questão dos organismos geneticamente modificados, associada de perto à investigação em biotecnologia que o

cientista empreende no seu laboratório:

*“Criam-se tais regras sem ter fronteiras
(Como Craig Venter universal),
Que na agroquímica – a que é industrial,
Sem metabólicas, vis barreiras,
O microcosmos se vai alterar.”*

Neste trecho, como aliás noutros, revela-se, sem qualquer dúvida, a dimensão humanista e ética do autor – uma dimensão que ajuda sobremaneira a fazer a ponte entre poesia e ciência.

Falando de tecnologia, encontra-se neste livro referência às questões bastante actuais da produção e consumo de energia, nomeadamente ao aproveitamento da energia eólica, no poema “Eólo renascido” (Parte III):

*“Enchem a paisagem, cortam o horizonte –
Como sentinelas de metal aladas,
Como monstros em contínuo rodopio.
Com seus triplos braços, erguem-se imponentes,
Como se entre o céu e a terra fossem ponte.
Como cavaleiro andante disfarçadas,
Provocando D. Quixote em desafio –
Torres actuais, máquinas tão descontentes.”*

Somos levados imediatamente, neste e em vários outros poemas, a estabelecer uma analogia – e também, necessariamente, um contraste com a poesia de António Gedeão, o pseudónimo do professor de ciências físico-químicas Rómulo de Carvalho (1906-1997), que, em “Impressão digital”, escreveu: “São moinhos? São moinhos. / Vê gigantes? São gigantes.”

O autor também trata a questão das viagens espaciais, resultado tecnológico do conhecimento das leis de Newton – uma questão bem

actual, agora que passam os 40 anos da primeira ida humana à Lua. Em “Balada de infinito” (Parte IV), lê-se:

*“Eis compasso de espera – fica em órbita;
Cadeia a dois no módulo que parte,
A equipa longe, no vácuo perdido,
Desce, lenta, para a Tranquilidade.
Saltitando tão esbelto (não gravita),
O herói marca o chão como peça de arte.
Satélite cinzento, em que o homem ávido
Pula como gigante: é a Humanidade.”*

Associamos de novo Xavier Malcata a Gedeão, o autor de “Poema do homem novo”, saído um ano depois de Armstrong pisar o solo lunar: “Lá vai ele. / Lá vai o Homem Novo / Medindo e calculando cada passo, / Puxando pelo corpo como bloco emperrado.”

A associação é particularmente evidente – decerto uma grande e justa homenagem do autor a Gedeão, pois, na poesia como na ciência, só se pode ver mais longe se se estiver “aos ombros de gigantes”. Na “Ameaça maior em redondilha menor”, que lembra a famosa “Lágrima de preta”, escreve Xavier Malcata:

*“Encontrei uma gota,
Que estava a escorrer:
Transparente e fria,
Prestes a morrer.*

*Amostrei-a logo:
Usei a pipeta,
Olhei-a bem fundo –
Vi a coisa tão preta.”*

Por outro lado, uma nítida diferença entre os dois poetas transparece se se cotejar, por exemplo, “Correrias de advento” (Parte II, “Suspiros

de *Bucolismo*”), de Xavier Malcata, com “*Dia de Natal*”, de Gedeão – embora nos dois haja comunhão no tema, a crítica ao excessivo consumismo a que continuamos a assistir nos finais do ano. Outros, com mais sapiência e capacidade do que eu, poderão analisar os paralelismos e as obliquidades entre o consagrado autor de “*Pedra Filosofal*” e o presente autor – que decerto encontrou inspiração em quem tão bem soube urdir ciência e poesia.

Um prefácio deve ser breve – como um acepipe que abre caminho para o saboroso prato principal, que é a obra propriamente dita. Assim, e uma vez que a última palavra será, como deve ser, a do poeta Xavier Malcata, dou (por ser incapaz de dizer melhor) a minha última palavra ao poeta Gedeão – que, no último poema, intitulado “*Suspensão coloidal*”, do seu livro “*Máquina do Fogo*” (Atlântida, 1961), tão bem resumiu a complexidade e a dificuldade das relações, decerto persistentes mas continuamente ambíguas, entre ciência e poesia:

*“Postulados e leis e lemas e teoremas,
tudo o que afirma e fura e diz sim,
teorias, doutrinas e sistemas,
tudo se escapa ao autor dos meus poemas.
A ele e a mim.”*

Carlos Fiolhais
Professor Catedrático da Universidade de Coimbra
Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
Coimbra, 25 de Julho de 2009